

LULA É A ESPERANÇA

Começa agora para valer a campanha política mais importante da história, com a volta do líder popular à frente de luta para derrotar o retrocesso e fazer um governo voltado para o povo



Foto: Ricardo Stuckert

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 22 de Agosto de 2022 Nº 72

No TSE, quem brilha na posse de Moraes é Lula

Empresários tramam um golpe em grupos de WhatsApp

Milton Hatoum fala sobre a reconstrução do país

Os dez anos da morte de Oscar Niemeyer

O livro de Clara Ant sobre as quatro décadas com Lula



Está no ar a exposição virtual
**SÉRGIO BUARQUE DE
 HOLANDA: 120 ANOS**

Acesse em fpabramo.org.br/CSBH

FUNDAÇÃO
 Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
 Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
 e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
 das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
 Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
 (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
 Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
 (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
 Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
 Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
 Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares
 Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),
 Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e
 Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



NESTA EDIÇÃO

LULA DA SILVA REACENDE A ESPERANÇA NO CORAÇÃO DO POVO

Ricardo Stuckert



Em comícios realizados em Belo Horizonte e São Paulo, o ex-presidente avança na primeira semana da campanha eleitoral e promete dias melhores para a sociedade sofrida pelo desgoverno do inominável.

Página 12

EDITORIAL. Lula é a reação da democracia e o avanço da esperança do povo

Página 4

ENTREVISTA. O escritor Milton Hatoum diz que atual governo será varrido do país

Página 6

SÃO PAULO. Lula e Dilma pedem votos para Haddad, o nome do PT em São Paulo

Página 15

GOLPE. Empresários que apoiam Bolsonaro são flagrados tramando golpe

Páginas 17

ESTADISTA. Na posse de Alexandre de Moraes, quem brilha? Lula e Dilma

Página 18

OPINIÃO. Três pesquisas mostram Lula consolidado na preferência eleitoral

Página 20

PRIORIDADE. Planalto faz anúncio da redução de impostos de supérfluos

Página 23

ECONOMIA. Política de Paulo Guedes agravou a crise social que país vive

Página 24

MEIO AMBIENTE. ONGs anunciam novo recorde de destruição da Amazônia

Página 25

OPINIÃO. STF derruba o veto à lei que indeniza profissionais de saúde

Página 26

CHILE. Plebiscito do dia 3 vai confirmar se nova Carta Política está valendo

Página 27

EUA. Ex-CFO de Trump admite na Justiça que cometeu crimes fiscais

Página 28

HISTÓRIA. O suicídio de Getúlio, o sonho de Luther King e a primeira Conclat

Páginas 28 a 31

MEMÓRIA. A arquiteta Clara Ant lança um livro de dos 40 anos com Lula

Página 32

HOMENAGEM. Os dez anos da morte do arquiteto Oscar Niemeyer

Página 34



A REAÇÃO DA DEMOCRACIA E O AVANÇO DA ESPERANÇA

Aloizio Mercadante

Na semana em que teve início oficial a campanha eleitoral, a mais importante desde a redemocratização, a posse do ministro Alexandre de Moraes como presidente do Superior Tribunal Eleitoral marca um importante freio de contenção da institucionalidade contra o projeto golpista de Bolsonaro. Ao mesmo tempo, Lula segue liderando as pesquisas com ampla vantagem e é o único candidato que colocou na rua uma campanha com força para

mobilizar multidões e realizar atos de massa pelo país.

Primeiro, a posse de Moraes foi uma forte demonstração de união do país em torno dos valores da democracia e da segurança do processo eleitoral. Além de quatro ex-presidentes da República os presidentes da Câmara e do Senado, ministros do Supremo Tribunal Federal, governadores, candidatos à Presidência, diversas autoridades e parlamentares prestigiaram a cerimônia.

Na ocasião, um constrangido e isolado Bolsonaro assistiu Moraes ser ovacionado pelos presentes após um discurso em defesa da

Justiça Eleitoral e do combate à fake news. O novo presidente do TSE chegou a dizer que a Constituição não permite a divulgação de mentiras que atacam eleições, em um claro recado ao 'projeto Capitólio' do atual mandatário do país.

Outro ponto que chamou atenção na cerimônia foi a desenvoltura de Lula, comparada à de Bolsonaro. Enquanto o estadista Lula foi o centro das atenções do mundo político presente, tendo sido o mais procurado por diversas autoridades para conversas institucionais, Bolsonaro ficou acuadao em um canto cercado por seus

próprios ministros, assessores e demais asseclas remunerados.

O simbolismo da posse de Moraes se soma aos atos em defesa da democracia de 11 de agosto e à Carta em Defesa de Democracia, que já reúne mais de 1 milhão de assinaturas. Bolsonaro sentiu a força da resistência democrática e, ao longo da semana, voltou a demonstrar desespero frente à iminente derrota eleitoral que se aproxima.

No caso mais emblemático, o ex-capitão se envolveu em uma confusão física. Após ter sido chamado de “tchutchuca do Centrão” e ser questionado sobre medidas adotadas pelo governo, perdeu a compostura, agarrou a camisa e tentou tirar o celular de um youtuber de extrema direita na marra. Foi mais um gesto carregado da truculência e do autoritarismo que lhe é peculiar.

Bolsonaro chegou a declarar que respeitará o resultado das eleições, no caso da derrota. Apesar do aparente recuo, as forças democráticas precisam estar atentas. Foram reveladas mensagens de um grupo de empresários bolsonaristas no WhatsApp, nas defendendo um Golpe de Estado, caso Lula seja eleito. Talvez, o caso seja o primeiro grande teste para Moraes enfrentar à frente do TSE e mostrar que as ações em defesa da democracia não ficarão apenas no discurso de posse.

Mas, as péssimas notícias para Bolsonaro não param por aí. Outro fato de relevância foi a divulgação das pesquisas eleitorais após o início do pagamento do auxílio emergencial de R\$ 600, que Bolsonaro sempre foi contra e só garantiu o pagamento até o final do ano. Ao contrário do que previam os marqueteiros do ex-

-capitão, nem mesmo o vale-tudo eleitoral do governo, com a tentativa descarada de comprar votos, foi capaz de recuperar a deteriorada imagem do presidente.

Lula segue liderando as pesquisas com imensa vantagem e com possibilidade real de vitória ainda no primeiro turno. Bolsonaro permanece com uma rejeição alta e consolidada, acima dos 50%. Ou

LULA SEGUE LIDERANDO AS PESQUISAS ELEITORAIS COM VANTAGEM E POSSIBILIDADE REAL DE VITÓRIA AINDA NO PRIMEIRO TURNO

seja, o teto de Bolsonaro continua baixo e o piso alto, inviabilizando qualquer possibilidade de crescimento da chamada terceira via e mantendo a polarização já posta entre a esperança e a barbárie.

É verdade que o estelionato eleitoral, somado ao uso massivo da máquina de mentiras contra Lula e a radicalização do discurso na pauta dos costumes e dos valores anticivilizatórios, fez Bolsonaro oscilar positivamente dentro da margem de erro nas

pesquisas. Entretanto, essa variação foi muito pequena diante do enorme esforço feito pela campanha da reeleição, que agrediu a paridade de armas na disputa eleitoral. Isso porque, apesar da sensação de alívio de curto prazo, não há perspectiva de retomada de crescimento sustentável, de inclusão social e de melhoria da distribuição de renda. A vida do povo continua muito dura, com desemprego, trabalho precarizado, fome, custo de vida altíssimo, salário-mínimo desvalorizado e famílias endividadadas.

Nesse contexto, Lula permanece sendo a grande esperança que pulsa no coração do povo brasileiro. É também o único candidato que de fato mobiliza uma militância apaixonada e que percorre o país com eventos de massa, como os realizados na última semana em Belo Horizonte e em São Paulo.

Com o início da campanha e a adesão de mais três partidos e de André Janones ao nosso projeto, Lula começa a avançar também no enfrentamento nas redes sociais, em que sempre tivemos mais dificuldades. A candidatura Lula-Alckimin terá o maior tempo nas redes de televisão e rádio, que permitirá resgatar o legado dos governos de Lula e apresentar os projetos de futuro.

Essa onda de esperança chamada Lula começa novamente a pesar o pêndulo da história em favor do povo brasileiro nessa encruzilhada histórica em que nos encontramos. O desfecho será uma enorme festa democrática e popular na Praça dos Três Poderes, em 5 de janeiro de 2023, com Lula subindo a rampa do Palácio do Planalto para dar início à reconstrução do Brasil. •

“A LITERATURA NÃO DERRUBA GOVERNOS, MAS HUMANIZA AS PESSOAS”

O escritor Milton Hatoum segue inquieto sobre a natureza política do país, critica os militares e o presidente da República, mas também não poupa a esquerda. Seu inconformismo segue a sua vasta cultura e a mente inquieta, cujos devaneios mostram a literatura como uma ferramenta de conhecimento e de transformação da realidade

Bia Abramo e Pedro Camarão

O escritor Milton Hatoum fez a revista Focus esperar quase um mês depois que topou nos conceder a entrevista, mas foi totalmente pontual na hora de entrar na plataforma digital e o que se seguiu foi quase uma hora de aula sobre o Brasil pandêmico, os retrocessos recentes e não tão recentes assim, livros novos, livros velhos e, sobretudo, a importância da literatura na formação humanista.

Prestes a completar 70 anos, Hatoum é dos mais importantes escritores brasileiros em atividade – e segue como intelectual inquieto e inconformado com os retrocessos.

Um pouco como se Martim, narrador da trilogia “O Lugar Mais Sombrio”, cujos primeiros dois volumes “A Noite da Espera” (2017) e “Ponto de Fuga” (2019) aguardam o lançamento do terceiro e último volume, fosse nosso contemporâneo e estivesse observando esse segundo momento de tempos de trevas, co-

meçado com o Golpe de 2016 e em seguida as eleições de 2018. Com pesar e críticas duras, mas também com enorme generosidade – e, sim, alguma esperança.

Focus Brasil - O Brasil teve mais de 682 mil mortes, uma verdadeira atrocidade, fora as contra o meio ambiente e a floresta. Como é o seu sentimento de ver Bolsonaro em uma posição competitiva na eleição? O que isso diz sobre o país no qual a gente vive?

Milton Hatoum – Eu acho que, na



verdade, houve um desentendimento ou a incapacidade de querer compreender ou de aceitar a força do conservadorismo brasileiro. Nós não julgávamos, as pessoas não achavam que ele tinha esse capital de emergir e acabar se elegendo presidente. Ele deu voz a esse conservadorismo latente, que estava lá um pouco adormecido, esperando a sua vez, a sua oportunidade para ter a sua voz. E foi sob essa liderança que, não por acaso, com ele vieram as milícias. Bolsonaro veio dos porões. Como diz o [Paulo] Arantes, veio dos porões da ditadura. Ele é filho disso. Aliás, me pergunto o que aconteceu com a Academia Militar de Agulhas Negras (Aman) na década de 1970, para formar tantos cadetes, tanta gente ignorante, ignorante e com propensão ao autoritarismo, quando não ao fascismo. E isso aconteceu com essa turma do Bolsonaro, do general

Heleno, Braga Neto, dos militares que o cercam.

E a gente tem de pensar que a década de 70 foi uma atrocidade. De algum modo, essas atrocidades não foram interrompidas durante a democracia. A violência policial não foi interrompida. Ao contrário, ela foi se aprofundando. A Polícia Militar comete crimes há anos, desde sempre. E na verdade, a Amazônia também não parou de ser destruída, mesmo nos governos democráticos. Isso é uma coisa que a gente deve cobrar.

Lula está falando em criar um Ministério dos Povos Originários. Seria uma ótima ideia pôr em prática isso, porque houve também algumas falhas e isso tem que ser reparado. Então [Jair] atacou em várias frentes tudo o que foi um pouco adormecido desde o fim da ditadura. E ele retomou com ferocidade, com a cumplicidade desses militares que são muito mais,

muito mais ignorantes e pérfidos. Abertamente pérfidos. Os outros ainda tinham um verniz, como, por exemplo, Castelo Branco.

O que eu acho que é o projeto dele é militarista; um capitão cooptado foi cooptado. É uma cooptação e uma cumplicidade entre o que há de pior da política brasileira, que é o Centrão. E esse é o tripé desse governo. E de que milícias estamos falando? A bancada da bala, a bancada do boi e eu colocaria aí mais uma componente que é a liderança evangélica, não os evangélicos, não o povo evangélico, porque são muitos os evangélicos e a maioria é muito manipulada. Mas e a liderança? Ora, será que essas pessoas surgiram de um momento para o outro? Acho que não.

Quando estava na revista *IstoÉ*, aquela do Mino Carta - estudava na FAU e fazia frila na revista, resenhas de teatro, de literatura

e também reportagens. Fiz, por exemplo, uma matéria sobre o lançamento de "Lampião" [jornal da imprensa alternativa LGBT]. Um dia, o Nirlando Beirão disse: "Milton, vai lá no estádio do Pacaembu cobrir um evento evangélico". Eu fui. E foi uma loucura. O Pacaembu estava cheio, cheio. Aí eu vi as pessoas jogando os óculos fora, deixando sacos de lixo, aqueles sacos plásticos pretos, com notas miúdas. Toda a pobreza estava ali. Escrevi a matéria, o Nirlando leu e disse: "Isso não é possível. Você está fazendo literatura?" Mas não era uma fantasia. Eu vi isso. E isso foi acho que em 1978, por aí.

Houve um avanço tremendo exponencial dessas igrejas, e tudo isso se multiplicou no Brasil todo. No interior da Amazônia, se você pensar no interior da Amazônia, só pensar em Cruzeiro do Sul ou em Xapuri, sabe? Em Parintins ou no Alto Solimões? Está em toda parte. Houve um avanço desse conservadorismo, quase silencioso. Não surpreende que ele tenha 30%, mais de 30%, de apoio, porque são essas pessoas manipuladas. E uma parte considerável desse apoio também é da Polícia Militar, das Forças Armadas, das milícias e dos homens brancos ricos. Não é isso que a pesquisa dá exatamente? Olha o Bolsonaro, ele tem voto dos brancos, ricos e escolarizados.

– O Brasil parece um país um tanto desmemoriado. Não há nenhuma lembrança negativa da ditadura, ela está presente na esquerda, mas tem toda uma parcela da sociedade que não enxerga como algo ruim e tem outra que não se importa de estar do lado dessa gente que apoia a ditadura e está contra a democracia.

– A questão é que há várias modalidades de memória. A memória histórica, essa à qual você se refere, depende da formação e da escolaridade da pessoa e de

como foi essa formação. Que tipo de livro leu – ele ou ela? Eu fiz essa brincadeira. Eu perguntei: "Você leu 'Vidas Secas', do Graciliano Ramos?" Nenhuma pessoa tinha lido. 'Vidas Secas' é um dos livros... É um pequeno grande livro, muito poderoso. Ele revela, com uma expressão complexa, mais ou menos complexa, senão bastante complexa, a nossa miséria. A história de Fabiano é uma história da miséria e é um recorte da miséria e da analfabetismo brasileiro.

O BRASIL NÃO É UM PAÍS. SÃO BOLHAS DE PESSOAS. HÁ UMA MASSA ENORME DE BRASILEIROS ALIENADOS MESMO, PARA USAR UM TERMO EM DESUSO

Então você, quando jovem, lê alguns livros como esse, ou como 'Capitães da Areia' ou um bom conto de Machado de Assis, você já passa a ter uma sensibilidade. É uma formação que tende a um certo humanismo. E aí não se fala de esquerda nem de direita. Quem lê 'Vidas Secas' não vai ser uma pessoa de esquerda, obrigatoriamente, mas ela vai perceber as contradições da vida brasileira. No livro do Graciliano, o Fabiano carecia do saber, o Fabiano é um bicho, "o bicho", ele diz. Ele está mais próximo do animal e lon-

ge do humano. Ele joga o tempo todo com isso.

Essas pessoas não tiveram essa formação, elas conseguiram se diplomar na universidade sem ter lido um só livro, ou um bom livro de história ou um bom livro de literatura. É inacreditável, mas é verdade isso. E não são poucos, porque a USP, a Unicamp e a PUC são bolhas. O Brasil não é um país. São bolhas de pessoas. Há uma massa enorme de brasileiros alienados mesmo, para usar um termo em desuso. E essas pessoas estão assustadas. De onde vem tanta, tanta violência? Sim, tanto extremismo, tanta fé numa sociedade que está doente.

Agora, é um fenômeno apenas brasileiro? Não, na França, no segundo turno a senhora Marine Le Pen teve 43% de votos. Na França. É assustador. E não é porque a França tenha um passado... A França aderiu ao nazismo, metade da França era a França de Vichy na Segunda Guerra. A França massacrrou argelinos, foi colonialista durante 100 anos na Argélia. E morreram 2 milhões de argelinos. As pessoas riam em Paris dos corpos flutuando. O racismo lá é tremendo e isso vem à tona. Em algum momento do contemporâneo, isso vem à tona... Consideram a imigração e os refugiados dois fantasmas, para o europeu branco. São sujos, não são católicos, não são cristãos, são morenos, são só negros... Por isso que eu não me surpreendi tanto, com exceção de ser esse cara, não me surpreendi tanto. Já com alguns erros que a esquerda... Isso me surpreendeu.

- Quais erros?

– Eu achei um absurdo o não ter havido uma aliança ampla em 2018, como está havendo agora. Um primeiro erro. O segundo foi por que é que um candidato que admiro muito como o Haddad, certamente vou votar nele como eu votei em 2018, o que o impediu

de mostrar para a população o seu programa econômico, as diretrizes do novo governo? As pessoas querem saber, os milhões de pequenos e microempresários. Eles querem saber, têm medo, porque o terror joga com esse medo de fechar o caixa, vão aumentar o imposto. Então deveria ter sido tudo mais claro: "Olha, nós vamos precisar de usar isso e isso. Não vamos precisar privatizar isso. Vamos dar financiamento pelo BNDES..." Mostra a cara, mostra seu ministro, o futuro ministro, as pessoas esperavam isso. Eu acho que foi um erro. Bom, mas agora já foi.

Agora já estamos em outro estado, a poucos dias de outras eleições. Quase um susto, quase uma distração e já se passaram quatro anos, quase. Mas teve acertos também, mais acertos do que erros. O que eu acho agora é que não deve repetir, porque aí seria realmente lamentável demais. A gente tem que pensar em alternativas. O absoluto não existe na política. Nem mesmo os governos mais totalitários conseguem o absoluto. Há sempre brechas. Há sempre alternativas para você enfrentar e criticar o poder. Tivemos quatro anos nos quais as pessoas tinham que pensar em como nós vamos enfrentar as fake news.... E agora essa, que estão dizendo que as igrejas vão ser fechadas... É um absurdo, mas como que você desmonta isso imediatamente? Como que você interrompe isso? Como?

– Vou falar um pouco agora da trilogia "O lugar mais sombrio". O primeiro é de 2017. O segundo, de 2019. Ou seja, o lançamento de ambos coincide com o momento em que estava se armando esse nosso período sombrio depois da redemocratização. Quando disse há pouco que a literatura tem o papel de fazer crescer o humanismo nas pessoas, em que medida a sua trilogia é necessária

agora? E vou fazer a pergunta chata: cadê o terceiro livro?

– Eu estou esperando acabar. Só isso. É uma paciência que eu tenho... Antonio Candido, nosso maior crítico literário, escreveu um breve ensaio chamado "O Direito à Literatura" – e que é belíssimo – em que fala que um dos direitos humanos é exatamente o direito a ter acesso à leitura, a várias modalidades de discurso, mas, enfim, à leitura e, portanto, à literatura. Ele acha, e eu concordo plenamente com ele, que a literatura não é só

O CRÍTICO LITERÁRIO ANTONIO CANDIDO DIZIA QUE A LITERATURA PODE SER UM INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO DA REALIDADE

um jogo formal, ela não tem apenas uma forma, um modo de se expressar, questões técnicas de construção, do tempo, do espaço, das personagens, dos jogos temporais. Ela não é só isso, embora seja também isso.

Antonio Candido diz também que a literatura pode ser um instrumento de conhecimento da realidade, de aprofundar a sua visão, do leitor, da realidade em si e dessa outra realidade que foi construída pela ficção, mas que tem algum paralelismo com o nosso mundo. Mesmo sendo algo do

passado, certo? O leitor, ele se vê transportado, viaja pelo tempo. É uma viagem pelo tempo, então esse também é o poder da literatura. Eu citei "Vidas Secas"... Bem, é um livro que foi publicado há 80 anos... Por que ele sobrevive até hoje? "Vidas Secas", "Capitães da Areia", de Jorge Amado? Eles empolgam a juventude, ainda interessa à juventude porque essa miséria do Fabiano ou esses meninos de Salvador, não são apenas eles. São brasileiros, mas também são homens universais.

Essa miséria é uma miséria humana. Ela está em todos os lugares. E, claro, a gente se identifica com o Brasil porque é o sertão, a linguagem que nós conhecemos, a paisagem que nós conhecemos, como o excesso, a comida que nós conhecemos, a falta que nós também conhecemos. Esse é o poder da literatura. É um poder que não derruba governos, que não muda o mundo, mas faz parte da humanização das pessoas e da humanização da pessoa, porque senão ela vira uma pessoa bruta e da brutalidade para a violência, é apenas um passo.

Nesse sentido, eu tentei escrever exatamente um romance de formação, com a trilogia, a partir de um grupo de jovens, jovens que estão se formando do ponto de vista sentimental, afetivo, político, intelectual, moral, em suma, da formação plena, ampla do ser humano, que é uma tradição do romance ocidental. Começou lá com Goethe, no século 18, que depois se desenvolve no século 19 na França, com o grande romance naturalista francês, mas que depois se desdobra no romance da desilusão.

Eu até disse uma vez que o Brasil era um era um grande, o imenso romance da desilusão: a gente pensa em quando vai dar certo, alguma coisa acontece de errado e estraga tudo. E é um retrocesso. Nós estamos nessa sempre, nessa

expectativa de agora vai e acontece, de não ir. Esse meu romance de formação — e aí é um dado da minha vida —, se passa em Brasília, em São Paulo e na França porque trata do exílio de alguém que está escrevendo a partir da França as suas memórias e a memória dos outros num tempo muito difícil no final dos anos 60 e 70, a juventude em Brasília, a maturidade em São Paulo, na Vila Madalena — que não era essa sucursal da Ambev que é hoje, mas ainda era um bairro humilde, de estudantes. É uma república, uma república que não dá certo também e aí já vemos os personagens em busca do sentido da vida.

É claro que não é um romance político, porque eu não trabalhei com questões sociais ou os meandros do poder. Não tem personagens importantes, gerais, políticos importantes nem intrigas palacianas. São jovens estudantes que caminham para a maturidade, cujo grande enigma é a mãe do narrador que permanece até o próximo, que será o terceiro que vai sair.

Agora, devido à pandemia, a vida mesmo, todas as dificuldades... Não foi fácil para ninguém, a gente nem pode reclamar. Eu tenho vergonha de dizer isso, porque, caramba, neste país em que as pessoas morrem de frio, de fome, tem milhões de miséria... Não tenho o direito de lamentar, eu me recuso. Mas também tem uma coisa que também mexe muito com as pessoas, mesmo as que têm algum privilégio como a gente, que é o nosso abalo mental, uma coisa mais subjetiva, mas que afeta muito.

Eu acho que este governo, se estou bem lembrado, ele me transtornou mais do que a ditadura. Talvez por ser mais velho, talvez a juventude suporte as adversidades com mais garra, com mais força, com mais energia para isso. Você pode devolver uma bomba de gás

com um chute, um sapato de couro que era o que a gente fazia nas passeatas. Mas eu acho que a ditadura tinha um projeto para o país. Esses aí não têm um projeto para o país, são execráveis. Quer dizer, nem um projeto liberal desse charlatão desse Guedes, que de liberal não tem nada... Se eu fosse um liberal, eu estaria odiando esse charlatão. Como que algum liberal ainda pode apoiar esse cara?

– **Nos primeiros livros, ou nos**

ESTE GOVERNO ME TRANSTORNOU MAIS DO QUE A DITADURA. TALVEZ POR SER MAIS VELHO. TALVEZ A JUVENTUDE SUORTE MELHOR AS ADVERSIDADES

romances até a trilogia, quase todos passados no Amazonas e na Amazônia, eu percebo uma relação com a épica, do grande território desconhecido a explorar. E aí li uma entrevista em que você cita o Joseph Conrad como influência. Será que a gente dá para pensar nisso, que você é um autor de um ciclo mais épico e, agora, do romance da educação sentimental?

– Conrad é um dos modelos para mim, eu gosto muito da obra dele, bem como a obra do Gustave Flaubert. São escritores que, como

tantos outros também no Brasil... Eu podia citar o próprio Graciliano, que para mim é um dos grandes escritores, sem dúvida nenhuma. O Conrad tem esse lado da aventura, do poeta, do marinheiro que ele foi durante a metade da vida dele... Mas combinado com essa ação, há também uma reflexão sobre a vida, uma subjetividade e um elemento psicológico, que é o que o Graciliano faz muito bem. Então esses escritores que combinam também a ação com a reflexão... São as questões que mais me tocam... A própria Virginia Woolf, que é muito mais psicológico e muito mais experimentalista, mas tem alguma coisa nela do olhar da sociedade, sobretudo o olhar sobre a sociedade, sobre a hipocrisia, sobre as contradições também sociais, sobre o tempo, sobre a história. Eu quis na minha mente, de extrema modéstia, porque estamos falando de grandes escritores geniais — e também tem outros, como Clarice, Guimarães Rosa, que serviram de modelos para mim...

Na “Noite da Espera” e no “Ponto de Fuga”, não é só a coisa política que afeta, também é o sentimento, o impasse, é um sonho que eles não conseguem concretizar. Como se eles estivessem dando voltas em torno de uma mesma questão e não conseguem se desvencilhar disso. Por isso que, para mim, foi importante trabalhar com uma formação e ter a ação e a reflexão ao mesmo tempo.

– **Como é que é assistir a esse processo de retrocesso pelo qual passou o Brasil nos últimos anos? E como estão suas perspectivas para o futuro?**

– Sobre o país não posso, não sei o que pode acontecer, mas a gente está nessa, ninguém sabe... Estamos entre mais quatro anos de Bolsonaro, que é o impensável. Para mim foi chocante à época, uma das coisas mais terríveis

foi que nós aceitamos nossa tragédia, fizemos um pacto com o trágico quando a sociedade brasileira e suas elites firmaram um pacto no acordo da anistia geral em 1979. Eu acho que isso produziu consequências que estão aí: não puniu os torturadores, assassinos, criminosos, arquitetos dos golpes, de atentados como o do Riocentro em 1981... Ninguém foi punido. Em nome de uma causa, de um acordo ou de uma cordialidade, que poupasse a esquerda, os combatentes, os que foram exilados, os que estavam presos e contemplasse também esse batalhão dos porões. Eu acho que aí tem uma questão, porque começa com essa anistia geral, com esse acordo de cavalheiros que permitiu toda essa barbárie. Não é normal um país ter 50.000 assassinatos por ano. Não existe isso. Como que a gente aceita isso? Não dá para aceitar Carandiru. E mais não dá para aceitar a impunidade dessas pessoas. Nós não cortamos o mal pela raiz, como a Argentina fez, como o Uruguai fez, como o Chile de certo modo fez. E olha, olha a democracia deles vê se alguém, algum militar fica tuitando contra a democracia, ameaçando aqui e ali as eleições. Você vê isso na Argentina? Você vê isso no Chile, no Uruguai? Por que nós deixamos isso aqui acontecer? Porque eles não foram punidos. Estão aí com o salário duplicado e ninguém sabe ao certo quanto mais de regalias. Esses caras têm que estar no quartel, nas fronteiras combatendo o tráfico de drogas, que estão ajudando as pessoas vítimas de catástrofes ou de enchentes. Auditar o voto, onde chegamos? Nós estamos pagando o preço por esse erro que cometemos. Eu espero, sinceramente, e espero que esse cara saia, que ele seja julgado e punido. Ele e tantos outros. Espero também que o próximo governo coloque um ponto

final na participação de militares no poder. Voltem definitivamente para as casernas e cumpram seu papel constitucional.

E eu, meu projeto é muito modesto. Estou terminando esse terceiro volume. Estou escrevendo alguns ensaios sobre literatura. Quero terminar o meu livrinho de contos e dar algumas palestras.

– O que você está lendo de literatura brasileira?

– Eu tenho lido alguns. Eu não tenho tempo para acompanhar

A LITERATURA TEM GRANDE CAPACIDADE. É UM CONVITE PODEROSO À REFLEXÃO SOBRE NÓS MESMOS, SOBRE O MUNDO. É FASCINANTE

tudo, ninguém tem. Quem diz que está acompanhando tudo da literatura brasileira, está mentindo. Outro dia, um amigo meu disse: “Eu estou vendo tudo e você não está”. Eu disse: “Você não está. Quer ver que você não está? Você conhece tal poeta do Acre? E conhece os poetas de Belém, as narradoras de Belém?” Hoje você, sozinho, não consegue ler em profundidade. Mas li “Torto Arado”, que foi um sucesso. Grande sucesso. Eu acho um livro muito bonito, muito importante e necessário, bem construído.

Tem esse livro de um jovem escritor Jeferson Tenório, “O Aveso da Pele”, maravilhoso. Ambientado em Porto Alegre, explora o racismo de uma história familiar com o pai, dirigido ao pai. Inclusive, a forma de narrar é muito interessante, esse tom que ele dirige é o pai. Se você conhece um pouco o que acontece naquela cidade, que segundo o narrador, é racista. Tem os contos de uma jovem escritora nordestina, Jarid Arraes, que lançou um romance que ainda não li. Enfim, são coisas que eu tenho lido ultimamente. Agora estou lendo um romance chamado “Meu Nome é Adam”, e a obra do escritor libanês chamado Elias Khoury, que é um dos maiores escritores de língua árabe, provavelmente, pode ganhar o Prêmio Nobel. E sobrou a voz de Noam Chomsky, que, aos seus 95 anos ou mais, ainda bem articulado, falando com muita propriedade...

Mas isso não nos consola, sabe? É uma tendência global. Alguns países se safaram, outros não por suas peculiaridades históricas. Mas eu acredito na literatura, não no sonho e não também literatura como missão, que ela consiga ser redentora. Não acredito nisso. A redenção, se é que a gente pode chamar assim, está nos avanços sociais e eu acredito na mobilização social. Eu só acredito nisso nas mobilizações sociais, de reivindicação. A literatura tem uma capacidade enorme de... É um convite poderoso à reflexão sobre nós mesmos, sobre o mundo. E é isso que é fascinante, que nem sempre nós estamos adequados ao mundo do tempo que a gente vive e nem sempre o mundo espera da gente alguma coisa que possa dar. Então, é na literatura, que a gente encontra todas as formas, uma variedade enorme de formas de amor, de violência, de frustração, de angústia e, porque não, de esperança em que a bomba acabou. •

Lula: “É a eleição da democracia contra o fascismo”





O BRASIL VIBRA Da porta da fábrica em São Bernardo ao comício gigantesco realizado em Belo Horizonte, Lula mexe com a esperança dos brasileiros que enfrentam a mais grave crise social da história, mas tem fé em dias melhores

Em comícios realizados em Belo Horizonte e São Paulo, o ex-presidente encarna a esperança de dias melhores para o povo brasileiro e diz que o país vai se reencontrar consigo mesmo e verá dias melhores para todos os seus filhos. “Governar é cuidar das pessoas, sobretudo as mais necessitadas”, disse, na capital mineira

O Brasil está numa encruzilhada em que dois pólos antagônicos disputam não o poder, mas a possibilidade de reconstruir o Brasil ou aprofundar as desigualdades e o abismo social em que o país se encontra nos últimos seis anos. “O que está em jogo é a democracia contra o fascismo”, disse um emocionado Luiz Inácio Lula da Silva, em comício histórico realizado em Belo Horizonte. Na última semana, as capitais de Minas e de São Paulo assistiram a dois grandes comícios de apoio do movimento Vamos Juntos pelo Brasil, liderados por Lula e pelo candidato a vice, o ex-go-

vernador Geraldo Alckmin.

Os dois eventos marcaram o início oficial da campanha eleitoral de 2022, cuja largada ficou marcada pelo alerta do ex-presidente de que o Brasil não atravessa uma situação de normalidade, mas de riscos profundos do agravamento da crise social. Lula disse em Belo Horizonte que o país está sendo governado por uma pessoa “desequilibrada mentalmente”. Sem citar o nome de Jair Bolsonaro, Lula reiterou que está em jogo neste instante na cena política brasileira o futuro da Nação. “É a democracia ou a barbárie”, discursou.

No ato pela democracia na noite de quinta, 18 em Belo Ho-

rizonte, Lula disse que concorre para fazer uma nova independência, que garanta dignidade, respeito e harmonia ao povo. Ele lembrou a Inconfidência Mineira, a morte e o esquartejamento de Tiradentes, e destacou a importância política e econômica de Minas. No comício, ele pediu votos ao ex-prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, que concorre ao governo do estado. E disse que os dois trabalharão juntos. “Nós vamos fazer este estado crescer e não será apenas exportador de minério de ferro. O estado não vai ter mais Mariana e Brumadinho, tomadas pela cheia e pela quebra das represas”, advertiu.

“Se em 1792 um homem des-



SINTONIA FINA Lula, Fernando Haddad e Geraldo Alckmin no comício do Anhangabaú em defesa da democracia

se estado foi enforcado porque queria a independência desse país. Se em 1792 eles esquartejaram, cortaram a carne, salgaram e penduraram no poste para que ninguém mais falasse de independência, eu quero que os esquartejadores saibam: estamos de volta para fazer uma nova independência nesse país, que garanta a dignidade, o respeito e a harmonia do nosso povo”, discursou.

No sábado, 20, no ato realizado no Vale do Anhangabaú, Lula disse que vai atuar para fazer o Brasil voltar a ser um país diferente do que está acontecendo. “Este país vai voltar a ser justo. Vai voltar a sorrir. As pessoas vão voltar a ter três refeições por dia, vão voltar a ter emprego, e esse emprego será melhor remunera-

do”, discursou. “O salário mínimo aumentará acima da inflação todo ano, a empregada doméstica terá direitos trabalhistas, férias, décimo terceiro e carteira assinada”.

Lula lembrou que o Brasil já foi um lugar em que as famílias se reuniam nos finais de semana, em contraste com o quadro dramático em que muitos vivem agora, onde a fome voltou a assombrar milhares de famílias. “Hoje era dia da família se reunir para comer uma feijoada. Quem já não ficou dentro da cozinha lavando feijão, tirando sal da carne, a mãe preparando e juntava todos filhos para comer feijoada, tomar caipirinha? Isso tá acabando porque tem 33 milhões de pessoas que não têm o que comer, 105 milhões de pessoas

que estão com insegurança alimentar”, lamentou. “Governar é cuidar das pessoas, sobretudo as mais necessitadas. Este é o papel do governo”, discursou.

No Vale do Anhangabaú, a ex-presidenta Dilma Rousseff participou e se emocionou ao ser ovacionada pelo público que compareceu em peso ao comício. “Estou aqui justamente porque amo este país e o nosso povo. Tenho imenso orgulho desse povo. Estamos vivendo um momento decisivo”, lembrou. “Temos a oportunidade de reconstruir nosso país, de reconstruir a autoestima do nosso povo, temos responsabilidade como mulheres de eleger o presidente Lula e o vice-presidente Alckmin para tirar o nosso país dessa profunda crise que nós estamos”, disse.



Pedido de votos para Haddad

Os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff aproveitaram o comício no Vale do Anhangabaú para pedir votos para Fernando Haddad, candidato ao governo de São Paulo pelo PT, e para Márcio França (PSB), que disputa uma cadeira para o Senado. Ambos lideraram as pesquisas de intenção de voto.

Lula defendeu o legado em educação e os avanços na gestão de Fernando Haddad como ministro da Educação. “Foi com o Haddad na Educação que a gente saiu de 3,5 milhões de alunos nas universidades para 8 milhões”, lembrou. “Foi com Haddad que a gente criou o Prouni e colocou 2 milhões de jovens, que criou o Fies e o Estado foi o avalista dos estudantes, e colocamos mais 2 milhões”.

“Foi com o Haddad que nós fizemos o governo que mais investiu na educação, que mais fez universidades neste país, que fez mais escolas técnicas nesse país”, disse Lula. “Para nós, educação não era gasto. É investimento, é coisa importante. E hoje tem ministros que dizem que universidade não é para todo mundo. A universidade é para poucos”, citou.

Dilma foi na mesma linha, ao elogiar o ex-colega de governo. “Precisamos aqui em São Paulo eleger o nosso querido Fernando Haddad. O Haddad é um dos quadros mais capazes, mais competentes, com maior capacidade de transformação que eu conheci”, declarou a ex-presidenta. •

PARCERIA Dilma pediu votos para Lula e Haddad no comício de São Paulo

“Essa é uma oportunidade única. Faltam poucos dias para a eleição e nós vamos ter de sair na rua e convencer cada um e cada uma a dar seu voto, porque o voto nesse momento é a única arma que nós temos, e é a arma democrática”, discursou.

Ela afirmou que o Brasil tem sorte em ter Lula. “Conheço porque trabalhei com ele. Tenho muito orgulho de ter sido ministra-chefe da Casa Civil do presidente Lula. Quero dizer para vocês que o Lula talvez seja um dos poucos políticos deste país que combina duas coisas: uma grande capacidade política de construir consensos e de construir futuro para nós, mas também é um dos maiores gestores que eu conheci”, elogiou. “O que eu peço é isso: vamos aproveitar, temos a

pessoa certa no lugar certo. É ele que vamos levar para a Presidência da República”.

Ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin lembrou que o Anhangabaú no passado foi cenário da luta pela democracia, que uniu a dupla que hoje disputa os cargos mais importantes do país. “Há 40 anos estivemos neste mesmo vale do Anhangabaú, o presidente Lula e eu”, recordou. “Estávamos em partidos diferentes, ele constituindo o PT, eu na bancada estadual do partido que propôs as diretas. As diretas não passaram, mas ali começou a morrer a ditadura. Hoje, quase 40 anos depois, presidente Lula, voltamos aqui porque o Brasil precisa, a democracia está em risco. Nós precisamos fortalecer o processo democrático”, contou. •



BANCOS ESTATAIS Em discurso a pequenos e microempresários, Lula disse que BNDES e Banco do Brasil podem ajudar o setor a retomar fôlego

Crédito barato para as pequenas empresas

Em encontro com líderes de pequenos negócios, ex-presidente diz que empresários terão acesso às compras governamentais. “Vamos gerar emprego, fazer a economia voltar a crescer e melhorar a vida do povo”

Acompanhado do ex-governador Geraldo Alckmin, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve reunido na quarta-feira, 17, com empresários de pequenos negócios e defendeu que o governo deve renegociar as dívidas do setor para impedir que as empresas fechem e encerrem suas atividades, depois das dificuldades criadas pela pandemia da covid. Ele prometeu crédito para o setor. “Eu e o Alckmin queremos cuidar deste país, gerar oportunidades. Vamos recriar alguns ministérios. O Ministério da Pequena e Média Empresa precisa funcionar”, anunciou.

“O futuro pode até esperar que a gente faça uma coisa nova, mas a gente não pode deixar que vo-

cês morram por causa da dívida que contraíram por conta da pandemia”, afirmou. Ele se sensibilizou com depoimentos que ouviu de empresários, no encontro em um hotel de São Paulo, relatando as dificuldades. “Vamos ter que levar muito em conta e muito a sério a negociação das dívidas de vocês”, garantiu.

O ex-presidente destacou a importância do Banco do Brasil e demais bancos públicos, como o BNDES, para o setor e os pequenos negócios no país. “Não queremos que os bancos públicos tenham prejuízo, mas eles têm que prestar função social neste país”, disse.

“O BNDES vai ter que se dedicar a emprestar para pequenos e médios porque o restante pode tomar empréstimo em dólar em

qualquer lugar”, comentou. Para Lula, é o Estado que pode garantir que isso aconteça com justiça.

O ex-presidente defendeu uma reserva das compras governamentais destinadas a pequenas e médias empresas. E lembrou que, no projeto de recuperação da indústria naval em seu governo, 65% das peças passaram a ser compradas de empresas brasileiras, o que impulsionou pequenas e médias nacionais.

Ele advertiu que o Brasil enfrenta hoje situação pior do que aquela de 2003, com mais fome, desemprego, achatamento salarial maior e juros mais caros para financiar o investimento. “A indústria automotiva está vendendo metade dos carros, a Volkswagen tem metade dos trabalhadores do que tinha. Tudo caiu pela metade”, criticou, atacando a gestão de Jair Bolsonaro em seguida. “A única coisa que não caiu foi a grosseria e a falta de respeito do presidente da República, que parece viver em outro planeta e não aqui neste país”.

O ex-presidente afirmou que a união com o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin é um casamento que junta 16 anos de gestão no estado mais rico do país com oito anos da melhor governança do país, para fazer o Brasil voltar a crescer, a gerar emprego, a investir em educação, no grande, pequeno e médio empreendedorismo, e a gerar as oportunidades que o Brasil precisa.

“O Brasil não pode continuar sendo pequeno. Quando deixamos a Presidência, este país estava crescendo. O Brasil era respeitado, era protagonista internacional. Hoje, o país virou pária. Eu e Alckmin não queremos governos. Nós queremos cuidar. Cuidar do povo deste país (...) Não existe outra razão de voltar a governar este país a não ser a obsessão de provar que aqui tem jeito”, afirmou. •

Aposta no golpe é crime

Oposição e sociedade civil pedem investigação ao Supremo contra Luciano Hang e outros bolsonaristas que apoiam ataques à democracia, no caso do extremista ser derrotado por Lula

Líderes do Partido dos Trabalhadores (PT), outras legendas de oposição ao governo de Bolsonaro e entidades da sociedade civil acionaram o Supremo Tribunal Federal (STF) na última semana para investigar empresários que apoiam o governo. O jornalista Guilherme Amado, do site Metrôpoles, revelou na quarta-feira, 17, que um grupo de radicais que apoiam Jair Bolsonaro estimula o golpe de Estado, caso as urnas confirmem a vitória de Lula como presidente do Brasil, nas eleições de outubro.

Os pedidos de investigação miram os empresários Luciano Hang (Havan), Afrânio Barreira Filho (Coco Bambu), Ivan Wrobel (W3 Engenharia) e Marco Aurélio Raymundo (Mormaii). Eles devem ser incluídos no Inquérito 4.874/DF, relatado pelo ministro Alexandre de Moraes, que apura a existência de organização criminosa, que atua na propagação de fake news nas redes sociais e planejam um atentado contra a democracia e o Estado de Direito.

Líderes petistas e da oposição apresentaram notícia-crime e pediram a prisão em flagrante dos empresários. Também há pedido para a prisão preventiva do grupo que atua no WhatsApp, após análise da Procuradoria-Geral da República (PGR) e do Ministério Público Federal (MPF), bem como a quebra do sigilo telefônico e telemático de todos os envolvidos.

Na sexta-feira, 19, o ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, disse que os empresários defensores de um golpe de Estado incorrem em crime de

Agência Senado



PATROCINADOR Aliado de primeira hora de Jair Bolsonaro, o empresário Luciano Hang está no grupo de empresários que conspiram contra o país

atentado à democracia. Sem se referir ao caso específico, Toffoli afirmou que esse tipo de postura é um “suicídio econômico”. “Atentar contra a democracia é tipo penal, é crime no nosso país, assim como é nos Estados Unidos e na Europa”, comentou. “Nos países democráticos, atentar contra o Estado Democrático de Direito é crime. Estou falando em tese”.

A Coalizão em Defesa do Sistema Eleitoral, que reúne mais de 200 entidades e organizações da sociedade civil e firmou compromisso com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de defender o sistema eleitoral dos constantes ataques promovidos por Bolsonaro e setores do governo, também apresentou uma queixa-crime.

“Os fatos descritos demonstram inequivocamente a vontade, livre e consciente dos noticiados

de perturbar a eleição de 2022, alimentando de forma sistemática um discurso de descrédito às urnas eletrônicas, às instituições da Justiça Eleitoral, aos ministros que tiveram ou que estão na jurisdição eleitoral no Tribunal Superior Eleitoral. As ameaças de ruptura institucional discutidas por pessoas com grande poder econômico dispostas a patrocinar atentados contra instituições não podem ser relativizadas”, diz a notícia-crime da coalizão.

O líder do PT na Câmara, deputado Reginaldo Lopes (MG); a presidenta nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR); e o líder da Minoria na Câmara, deputado Alencar Santana (PT-SP), assinaram a notícia-crime contra os empresários. Para os parlamentares as mensagens são imorais e conspiram contra o Estado Democrático de Direito. •



MUDANÇA DE ARES Os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff prestigiaram a posse dos novos dirigentes da Justiça Eleitoral, ministros Alexandre de Moraes e Ricardo Lewandowski, acompanhados de suas mulheres

NO TSE, QUEM BRILHA É LULA

Ao lado de Dilma na cerimônia de posse de Alexandre de Moraes, o ex-presidente ilumina o ambiente, ganhando respeito e admiração, enquanto Bolsonaro esmaece à sombra do poder

Olímpio Cruz Neto

Nunca Brasília assistiu à percepção da troca de comando político ou de transferência da faixa presidencial sem que ocorresse uma solenidade de posse na Praça dos Três Poderes. Mas a capital da República viu como a expectativa de poder pode operar antes mesmo das urnas anunciarem o novo ocupante do Palácio do Planalto. Na última quarta-feira, 16, a posse do novo presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Mo-

raes, mostrou o esvaziamento simbólico de Jair Bolsonaro e de sua entourage.

Os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff foram as grandes estrelas da cerimônia em que Moraes fez uma enfática defesa das urnas eletrônicas e da democracia brasileira, deixando o presidente da República visivelmente constrangido e contrariado. “A cerimônia de hoje simboliza o respeito pelas instituições como o único caminho de crescimento e fortalecimento da República, e a força da democracia como único regime político, onde todo o poder ema-

na do povo e que deve ser exercido pelo bem do povo”, disse o novo chefe da Justiça Eleitoral.

Foi uma demonstração inequívoca do isolamento do chefe de Estado, que assistiu ao discurso do novo presidente do TSE, a quem chamou de “canalha” durante o Desfile de Sete de Setembro, no ano passado, e presenciou líderes políticos, advogados e ministros de tribunais superiores voltarem suas atenções para o ex-presidente Lula.

“A vocação pela democracia e a coragem de combater aqueles que são contrários aos ideais constitucionais e aos va-

lores republicanos de respeito à soberania popular permanece nessa Justiça Eleitoral e neste Tribunal Superior Eleitoral, que continuamente vem se aperfeiçoando, principalmente com a implementação e a melhoria das urnas eletrônicas”, discursou Alexandre de Moraes, arrancando aplausos de pé da audiência e dos convidados.

Era a primeira vez que Bolsonaro e Lula se encontravam durante a campanha eleitoral deste ano. Mas o atual presidente não sabia onde colocar a cara – fechada e sem expressão ao longo das duas horas em que durou a cerimônia de posse da nova direção do TSE. Além de Moraes, o ministro Ricardo Lewandowski assumiu a vice-presidência da Corte Eleitoral.

Todo o mundo jurídico que transita nos tribunais superiores em Brasília compareceu em peso ao evento, que contou ainda com a presença de todos os ministros do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça e do Superior Tribunal Militar, além do Tribunal Superior do Trabalho. Foi uma solenidade de posse prestigiada ainda pela presença dos presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

Na sala reservada aos convidados, o presidente também permaneceu isolado, antes da cerimônia. Lula passou a ser cercado por autoridades, políticos e governadores e era mais procurado que Bolsonaro para conversas. Ele e Dilma foram o centro das atenções, assediados inclusive por autoridades do governo Bolsonaro, enquanto Bolsonaro permaneceu cercado por ministros e assessores.

Acompanhado da primeira-dama Michelle Bolsonaro, e do filho Carlos, que é alvo de inquérito policial sob a relatoria do

Mathews Vargas/Folha



EXPECTATIVA DE PODER Contrariado, Bolsonaro assiste à ofensiva dos convidados sobre os ex-presidentes Dilma e Lula, que atraíram as atenções

presidente do TSE, Bolsonaro não aplaudiu o novo presidente da Corte em nenhum momento. O filho vereador sequer se levantou das cadeiras nos momentos em que os convidados ovacionaram os pontos mais veementes dos discursos de Moraes e Lewandowski.

Os recados de Moraes foram claramente direcionados ao atual ocupante do Palácio do Planalto. “A Constituição federal consagra o binômio liberdade e responsabilidade, não permitindo, de maneira irresponsável, a efetivação do abuso no exercício de um direito constitucionalmente consagrado, não permitindo a utilização da liberdade de expressão como escudo protetivo para a prática de discursos de ódio, antidemocráticos, ameaças, agressões, violência, infrações penais e toda sorte de atividades ilícitas”, disse o ministro.

“A democracia é uma construção coletiva de todos que acreditam na soberania popular, e mais do que isso, de todos

que acreditam e confiam na sabedoria popular, que acreditam que nós, nós todos, autoridades do Poder Judiciário, do Poder Executivo, do Poder Legislativo, somos passageiros, mas que as instituições devem ser fortalecidas, pois são permanentes, imprescindíveis para um Brasil melhor, para um Brasil de sucesso, de progresso, para um Brasil com mais harmonia, com mais justiça social, com mais igualdade e solidariedade, para um Brasil com mais amor e esperança”, continuou Moraes.

Ao final do encontro, enquanto Lula e Dilma eram cercados por convidados, ainda no plenário da corte, Bolsonaro, Michelle e Carlos deixavam a sede do tribunal, acompanhados dos ministros Carlos França (Relações Exteriores), Paulo Guedes (Economia) e Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional). Todos estavam com o semblante fechado. Ao contrário de Lula e Dilma, que sorriam enquanto posavam para os fotógrafos e convidados. •



NA LARGADA DA CORRIDA PELO PLANALTO, VANTAGEM É DE LULA

As pesquisas mostram um cenário de estabilidade, com o petista praticamente na mesma posição, com 15 pontos de vantagem sobre Bolsonaro. Candidato à reeleição, o presidente avança lentamente. O aumento do Auxílio Brasil não rendeu ainda uma forte reação na grande base do eleitorado brasileiro

Matheus Tancredo Toledo

Na primeira semana de campanha eleitoral, três pesquisas eleitorais presenciais foram divulgadas e confirmam estabilidade nas intenções de voto de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que lidera a corrida, e uma subida paulatina de Jair Bolsonaro (PL).

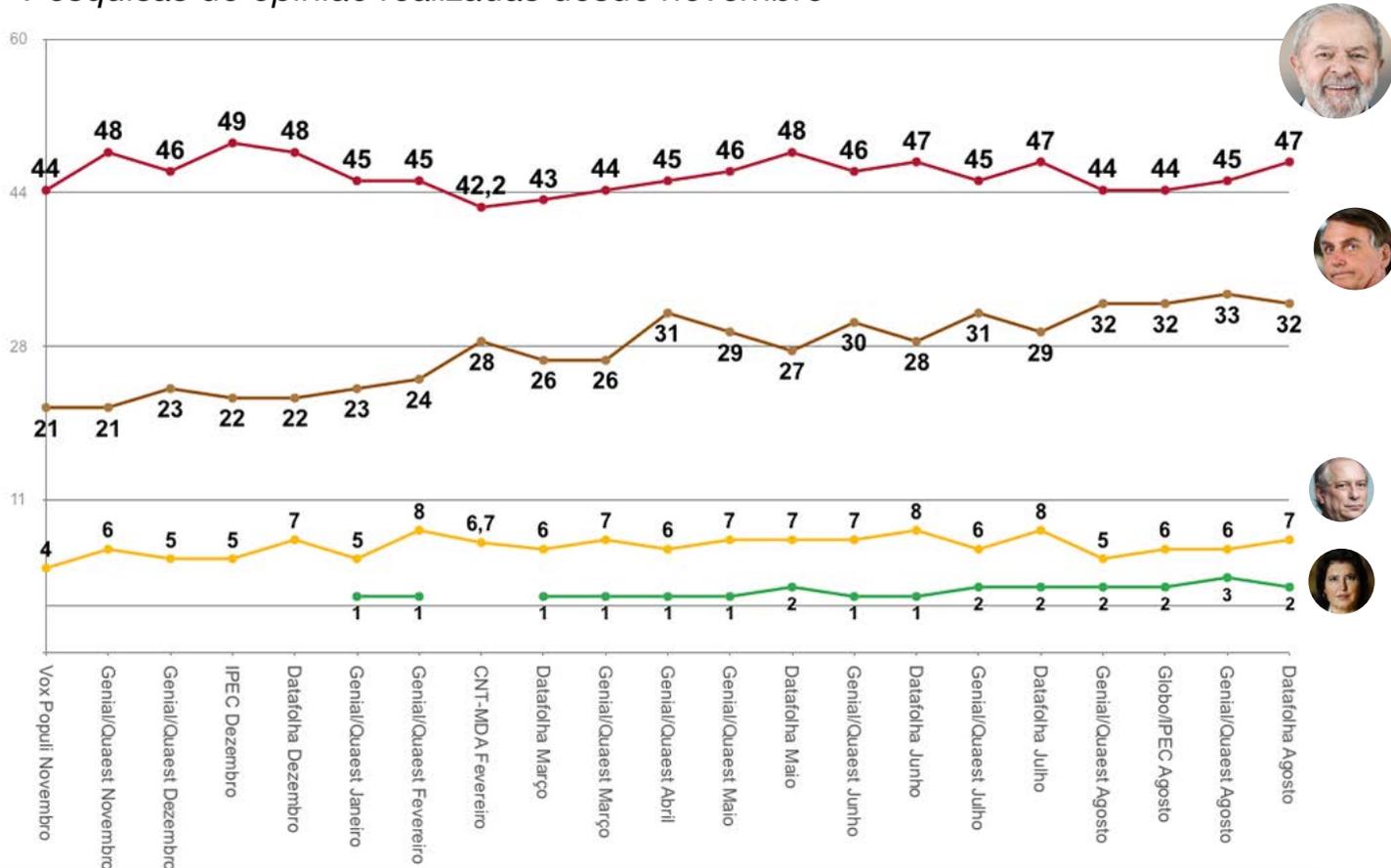
A pesquisa Ipec, feita em parceria com a Rede Globo de Televisão entre 12 e 14 de agosto, com 2 mil entrevistas presenciais domiciliares, aponta Lula com 44% das intenções de voto contra 32% de Bolsonaro, 6% de Ciro Gomes (PDT) e 2% de Simone Tebet (MDB).

A vantagem de 12 pontos percentuais também foi aferida pela pesquisa Quaest, realizada em parceria com a Genial Inves-

timentos entre 11 e 14 de agosto, com 2 mil entrevistas presenciais domiciliares. Lula pontuou 45% e Bolsonaro, 33%, seguidos de Ciro (6%) e Tebet (3%). Por fim, o levantamento Datafolha divulgado na quinta-feira, com 5.744 entrevistas presenciais em pontos de fluxo populacionais, traz Lula com os mesmos 47% da rodada anterior, em julho, seguido por Bolsonaro (32%), Ciro (7%) e Tebet (2%).

Eleição presidencial de 2022. Primeiro turno

Pesquisas de opinião realizadas desde novembro



Em comparação com o levantamento anterior do IPEC, feito em dezembro de 2021, a rodada da última semana trouxe uma oscilação nas intenções de voto de Lula na ordem de 3 pontos percentuais para baixo - enquanto Bolsonaro subiu 10 pontos ao longo de quase 9 meses.

Na ocasião, ainda figuravam na lista de candidatos os nomes de Sergio Moro, João Doria, Cabo Daciolo, Alessandro Vieira e Rodrigo Pacheco - todos retiraram suas pré-candidaturas desde então. Os votos desses candidatos parecem ter migrado para Bolsonaro.

Em relação à pesquisa Quaest anterior, da semana passada, Lula e Bolsonaro oscilaram 1 ponto para cima, cada. O levantamento Datafolha, comparado ao mês de julho, trouxe um aumento nas intenções de voto em Bolsonaro na ordem

de 3 pontos, além da já mencionada manutenção do patamar de Lula.

Nas simulações de segundo turno, a pesquisa Quaest traz Lula com 51% e Bolsonaro com 38% - 13 pontos de vantagem. No levantamento IPEC, Lula tem 51% e Bolsonaro 35% - 16 pontos de vantagem. No Datafolha, o petista tem 54% e o líder da extrema-direita 37% - 17 pontos de vantagem.

Os três levantamentos confluem em apontar que Bolsonaro tem subido com ritmo considerável entre a população evangélica, nos cenários de primeiro turno. No IPEC, houve aumento de 11 pontos desde dezembro. O presidente lidera no segmento com 47%, contra 29% de Lula. Na Quaest, Bolsonaro subiu 4 pontos e agora tem 52% contra 28% de Lula. No Datafolha, que divulgou apenas

parte dos resultados segmentados, Bolsonaro subiu 6 pontos.

Segundo a pesquisa, Lula lidera no Nordeste (57% a 24%), no Sudeste (44% a 32%), entre as mulheres (47% contra 29%), a população preta (60% contra 19%) e na base da pirâmide social (54% contra 23%). Isso indica que não houve impacto imediato após o pagamento da primeira parcela do Auxílio Brasil no valor de R\$ 600.

Há empate técnico no Sul (43% para Lula e 39% para Bolsonaro), no Norte/Centro Oeste (39% a 43%), na faixa de renda entre 2 a 5 salários mínimos (38% contra 41%) e mais de 10 salários mínimos (40% a 43%) e entre a população branca (40% a 38%). •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.



QUESTÃO DE PRIORIDADE O presidente anunciou a redução das alíquotas de importação de suplementos proteicos e de jaquetas e coletes impermeáveis usados pelos motoqueiros. Mas os preços da comida seguem nas alturas

PLANALTO REDUZ IMPOSTOS... MAS SÓ DOS SUPÉRFLUOS

Com 33 milhões de brasileiros passando fome, o presidente diminui a taxaço de coletes e jaquetas de motoqueiros e suplementos alimentares usados pelo pessoal das academias. Já a comida continua a disparada dos preços

O leite está mais caro que a gasolina? Pessoas andam deixando itens da cesta básica nos carrinhos de supermercado? Mais de 33 milhões de cidadãos passam fome? Para Jair Bolsonaro, nada disso interessa. O importante é que caíram os impostos incidentes sobre whey protein e acessórios para as claque das motocicletas que o presidente promove

pelo país. "Ajuda pessoal que malha", justificou o inominável na live realizada na quinta-feira.

Na quarta-feira, 17, o Comitê-Executivo de Gestão da Câmara de Comércio Exterior alterou a alíquota de sete itens da pauta de importação brasileira por meio da inclusão dos produtos na lista de exceções à tarifa externa comum do Mercosul. A partir de setembro serão zeradas alíquotas de concen-

trados de proteínas e substâncias proteicas, complementos alimentares e coletes e jaquetas impermeáveis utilizados por motociclistas.

Imediatamente após anunciar as medidas, Bolsonaro começou a ser cobrado sobre reduções em alimentos que a maioria da população consome. E tentou se explicar no Twitter. "Por que não anuncia redução de impostos sobre alimentos? Por que (sic)

já anunciamos há meses! Os impostos sobre itens da cesta básica têm sido reduzidos e zerados continuamente desde 2020 para combater os efeitos do ‘fica em casa que a economia vê depois’ e da guerra”, afirmou, mais uma vez distorcendo a realidade.

A redução da taxa de importação anunciada em maio para diversos produtos, inclusive alimentos, na prática não ajudou o consumidor, que continua pagando caro. Os maiores beneficiados foram o importador e o comércio, que aumentaram as margens de lucro, como aponta o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

O setor de alimentação e bebidas acelerou na pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O grupo teve a maior variação (1,30%) e impacto positivo (0,28 pontos percentuais) na inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de julho. O resultado foi puxado pelo leite longa vida, que subiu mais de 25%, e derivados como queijo (5,28%) e manteiga (5,75%).

Como alimentos são o principal gasto no orçamento das famílias mais pobres, elas são as mais prejudicadas pela carestia da comida. A disparada do preço da comida é causada principalmente pelo desmonte promovido pelo governo Bolsonaro nas políticas públicas de segurança alimentar desenhadas nos governos de Lula e Dilma.

“O governo desmontou todas as estruturas de silagem, de estoque reguladores de grãos, de arroz, feijão e não construiu nenhuma alternativa para a agricultura familiar, responsável por 70% do que o brasileiro põe à mesa. E a carne, somos o maior exportador do mundo”, afirma Fausto Augusto Junior, diretor-técnico do Dieese. •

Adriano Machado/Reuters



RESPONSABILIDADE DIRETA Política econômica de Paulo Guedes agravou a tragédia social que o Brasil vive desde o Golpe de 2016

GOVERNO AGRAVOU CRISE

Desigualdade e a fome no país resultam da condução econômica desastrosa da administração de Paulo Guedes, que aprofundou o desmonte do Estado

A atual tragédia socioeconômica brasileira é resultado das medidas econômicas adotadas pelo governo Jair Bolsonaro sob a condução desastrosa do ministro Paulo Guedes. Se hoje 33 milhões de pessoas passam fome no Brasil, é graças à precarização do mercado de trabalho, ao desmonte de políticas públicas de segurança alimentar, à dolarização dos combustíveis e à inflação galopante. Tudo isso agravado pela política de austeridade fiscal a qualquer custo.

Esta é a avaliação Adriana Marcolino, técnica do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese). “Depois do golpe e, mais recentemente, no governo Bolsonaro, o conjunto de políticas públicas que existiam de proteção social e de eliminação da pobreza foi desmontado”, denuncia. A retirada dos direitos dos trabalhadores agravou a situação. “Hoje, no Brasil, a gente tem, a cada 10 pessoas no mercado de trabalho, pelo

menos quatro numa situação bastante precária”.

A vulnerabilidade é maior porque o governo Bolsonaro, movido por pela ideologia ultraliberal de Paulo Guedes desestruturou o Estado e os serviços públicos e desmantelou políticas públicas, como a de aquisição de alimentos e de apoio à agricultura familiar. “Quando os movimentos sociais propuseram R\$ 600 no começo da pandemia, o valor da cesta básica era de R\$ 600. Mas agora o valor da cesta básica está em R\$ 760”, ressalta.

A alta dos itens da cesta básica é ainda superior à da inflação de dois dígitos causada pela condução da economia. O custo de vida no Brasil é um dos mais altos do mundo. “Além do cenário internacional, que já era bastante crítico, o governo federal instituiu políticas que ampliaram esses problemas”, reforça. “Tem um conjunto de elementos que são característicos da forma como esse governo está conduzindo a economia e que fizeram com que a inflação explodisse”. •



DESTRUIÇÃO RECORDE EM 15 ANOS

Entre agosto de 2021 e julho de 2022, foram derrubados 10.781 km² de floresta na Amazônia brasileira. As invasões e o garimpo em áreas indígenas cresceram 180%. É um desastre sem precedentes

O Brasil assiste à maior devastação de suas florestas dos últimos 15 anos, numa grave omissão do governo federal em conter as invasões e o desmatamento. Avesso à proteção da Amazônia e das terras indígenas, o governo Bolsonaro permitiu que, entre agosto de 2021 e julho de 2022, fossem derrubados 10.781 km² de floresta da Amazônia Legal. É a maior taxa de desmatamento dos últimos 15 anos da história do Brasil, segundo o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).

Os dados do sistema de alerta de desmatamento do instituto apontam ainda que é a quarta vez seguida em que a degradação atingiu o maior patamar desde 2008, quando o Imazon iniciou o monitoramento com o SAD.

As áreas desmatadas são detectadas em imagens de satélite na região que corresponde a 59% do território brasileiro e engloba nove estados: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e uma parte do Maranhão.

O levantamento leva em conta degradações florestais ou desmatamentos que ocorreram em áreas a partir de um hectare, o que equivale a aproximadamente ao tamanho de um campo de futebol. De acordo com as informações do sistema Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), é o terceiro ano consecutivo que o desmatamento na Amazônia cresce no governo de Bolsonaro. O acumulado de alertas de desmatamento em 2022 na Amazônia foi de 8.590 km² e ficaram acima da marca

de 8 mil km².

“O aumento do desmatamento ameaça diretamente a vida dos povos e comunidades tradicionais e a manutenção da biodiversidade na Amazônia”, afirma Bianca Santos, pesquisadora do Imazon. Ela alerta ainda que relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) ressaltam que a devastação, “além de contribuir para a maior emissão de carbono em um período de crise climática”, também elevam as emissões de carbono e conseqüentemente resultam em fenômenos extremos como ondas de calor, secas e tempestades ainda mais frequentes e intensas. “Isso causará graves perdas tanto no campo, gerando prejuízos tanto para o agronegócio quanto para as cidades”, adverte. •

VITÓRIA DA SAÚDE BRASILEIRA

STF rejeita, por unanimidade, a ação de Bolsonaro contra a lei que garante indenização aos profissionais da saúde incapacitados pela covid e aos familiares que perderam pai ou mãe

Reginaldo Lopes

Mais uma vitória dos profissionais da saúde graças ao trabalho do PT e de outros partidos da oposição. O Supremo Tribunal Federal (STF) rejeitou, por unanimidade, a ação direta de inconstitucionalidade 6970, movida pelo governo Bolsonaro, via Advocacia Geral da União (AGU), contra a Lei 14.128/2021, que assegura indenização aos profissionais da saúde incapacitados permanentemente pela covid-19 ou a seus parentes em caso de morte pela doença.

O PT participou do processo de julgamento da ação na condição de Amicus Curiae (amigo da Corte), auxiliando na defesa da legalidade da lei, que é de minha autoria e de vários outros parlamentares do partido e de outras siglas de oposição. Bolsonaro não quis cumprir uma lei que auxilia os bravos trabalhadores da saúde que enfrentaram – e ainda estão no front – a covid desde o primeiro momento, muitos perdendo a vida. Agora, todos os argumentos do governo foram rejeitados e a lei será cumprida. Vitória importante!

A lei assegura direito à indenização de R\$ 50 mil aos profissionais de saúde que atuaram na linha de frente do combate à pandemia e, uma vez infectados,



se tornaram incapacitados para o trabalho em função da covid. Essa quantia será destinada à família, em caso de mortes. Adicionalmente, dependentes menores de idade receberão R\$ 10 mil por ano, até a maioria, ou até 24 anos, caso sejam estudantes universitários.

Como disse a presidente do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), Betânia Santos, a decisão representa justiça para aqueles profissionais da saúde que arriscaram a vida para cuidar de pacientes infectados por um vírus letal. Estamos em plena concordância. É o mínimo que o país pode fazer por aqueles que, no momento crucial da pandemia, se dedicaram com coragem e profissionalismo ao cuidado da saúde do povo.

Um governo negacionista, que adiou ao máximo a compra de vacinas contra o novo coronavírus e insistiu em terapias ineficazes, como a cloroquina, jamais seria solidário aos profissionais de saúde dedicados ao combate à covid. A lei foi aprovada na Câmara e no Senado, porém vetada integralmente pelo presidente. O veto foi derrubado em março de 2021, mas Bolsonaro ingressou recorreu.

O argumento utilizado era de que a normativa que definia o repasse de recursos para estados e municípios enfrentarem a pandemia (Lei 173/2020), proibia a concessão de benefícios indenizató-

rios a agentes públicos.

Relatora da ação, a ministra Cármen Lúcia concluiu que a lei não fere a Constituição. Segundo a magistrada, trata-se de medida excepcional prevista para o enfrentamento das consequências sociais e econômicas decorrentes da crise sanitária. Ela explicou que é uma indenização em razão de um evento específico, não configurando despesa obrigatória de caráter continuado.

Segundo o Observatório da Enfermagem, 64.557 enfermeiras, enfermeiros, técnicas, técnicos, auxiliares e parteiras foram infectados pela covid, dos quais 872 perderam a vida na linha de frente, em decorrência da doença. Além dos profissionais de enfermagem, terão direito à indenização fisioterapeutas, assistentes sociais, agentes comunitários, técnicos de laboratório, médicos e outros trabalhadores que atuam na linha de frente, além de empregados de necrotérios e coveiros.

O STF, ao validar a lei aprovada pelo Congresso Nacional, fez com que a justiça seja cumprida e mostrou, definitivamente, a falta de empatia e de solidariedade do negacionista Bolsonaro, que um dia fez piada com a covid e ainda a tachou de “gripezinha”, uma doença que já matou 682 mil pessoas no país, das quais 400 mil por culpa do ex-capitão, que adiou ao máximo a aquisição de vacinas. •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder do PT na Câmara dos Deputados.



CARTA POLÍTICA O presidente Gabriel Boric recebe novo texto das mãos María Elisa Quinteros e Gaspar Domínguez

O CHILE VAI VIRAR A PÁGINA?

Plebiscito em 3 de setembro vai apontar se a nova Constituição será aprovada, substituindo a carta política instituída por Pinochet ainda em 1980. O último entulho da ditadura

O Chile se prepara para dar um passo à frente de sua história, enterrando o último legado da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990). Em 3 de setembro, o povo chileno volta às urnas para participar de um plebiscito popular que ratificará a Constituição que substituirá a carta política de 1980, último entulho autoritário da sangrenta ditadura encabeçada pelo general. O ambiente tem sido tenso, há forte polarização e a aprovação da nova Constituição, escrita por uma Assembleia Constituinte independente e fortemente inspirada pelas forças populares, não é dada como certa.

Nas últimas semanas, as principais avenidas de Santiago foram tomadas por uma centena de “vo-

luntários”, que acenam sem muito entusiasmo, bandeiras de “rejeição” ao novo texto constitucional. A dez minutos do Palácio La Moneda, o histórico edifício sede do governo bombardeado pelos militares em 11 de setembro de 1973, que levaram à deposição e morte do presidente Salvador Allende, vêm sendo distribuídas cópias gratuitas do texto constitucional que deve ser votado.

Há algumas semanas, o presidente Gabriel Boric autografou exemplares da nova Carta Política a pedido de populares, o que o levou a ser acusado pela direita de intervencionismo. No último fim de semana, foram realizados grandes eventos a favor do “Eu Aprovo”, como o registrado no município de Puente Alto, em Santiago, com 5.000 pessoas.

As pesquisas dão vitória à rejeição do texto constitucional. Uma situação contraditória, mas à qual os chilenos já estão acostumados desde o plebiscito de 1988, quando Pinochet enfrentou o rechaço do “Não”. Desta vez não é exceção. Os meios de comunicação, ligados à direita, pesquisas e líderes de opinião garantem que a rejeição à Constituição vencerá.

Essa incerteza também se reflete na campanha de TV, lançada há algumas semanas, onde vários grupos tentam convencer o eleitorado de que, devido a mais estudos de audiência e agências de publicidade disponíveis, pouco se sabe. Vozes como a Plataforma Política Mapuche se destacam pela aprovação. Nos poucos segundos disponíveis para transmitir sua mensagem, eles enfatizam

que, caso a nova Carta Magna seja aprovada, a água se tornaria um bem comum ao invés de estar nas mãos de particulares como é o caso atualmente, causando seca e sérios problemas ambientais.

A coligação governista Aprovo Dignidade tem aproveitado seu horário na tevê para educar a população sobre mudanças sociais em termos de paridade e vida livre sem violência de gênero, com a participação da atriz popular Paola Volpato. Ela foi um dos poucos rostos da televisão que mostrou-se claramente a favor da nova Constituição.

Os conservadores que criticam o texto constitucional, adotaram a estratégia de gerar medo, com base na desvalorização do trabalho da Constituinte, focando no individualismo e sugerindo que, se a Carta Magna for alterada, o Chile entrará em uma fase de incerteza econômica.

Curiosamente, não há rostos de políticos de direita na campanha. O grupo mais visível é liderado pelo poeta e apresentador de televisão

Cristian Warnken, do grupo Amarelos pelo Chile, supostamente independente. Eles usam uma cor com conotação “neutra” na melhor das hipóteses, mas, no contexto dos protestos, esteve associada a quem não ousa sair às ruas. O lema contraditório de “rejeitar com amor” também foi escolhido em referência explícita à hashtag que circulou: #AprueboConAmor.

Embora o mandato da Controladoria da República proíba o

governo de se manifestar por uma opção, foi acionada uma estratégia de sair às ruas para “educar” a população em torno da nova Constituição. Algo que faz sentido considerando as inusitadas fake news e campanhas de desinformação que vêm surgindo, que vão desde a mudança de bandeira até a desapropriação de residências.

Esta foi uma oportunidade para o governo progressista de Gabriel Boric tentar reverter as pesquisas. Mas na política “interna” foram alcançados acordos com a esquerda – especialmente o Partido Socialista, que

originalmente não fazia parte da coalizão governante formada pela Frente Ampla e pelo Partido Comunista – para modificar imediatamente no Congresso alguns pontos que parecem aspectos confusos do novo texto constitucional, como o sistema de Justiça.

Na quinta-feira, 19, o presidente deu início a um périplo de trem por cidades do centro-sul com o objetivo de divulgar sua ideia de recuperar o desenvolvimento ferroviário. Embora seja provável que se torne um espaço para falar sobre a Constituição, ele evitou verbalizar apoio ao “eu aprovo”.

Tudo isso ocorre enquanto o governo se abre – depois de meses negando – à possibilidade de gerar um novo processo Constituinte caso vença a “Rejeição”. Porque em meio a tanta instabilidade, uma coisa está clara: a Constituição de Pinochet é letra morta. •

MOVIMENTOS SOCIAIS E A ESQUERDA TÊM UM DESAFIO: CONVENCER A MAIORIA QUE O NOVO TEXTO CONSTITUCIONAL É UM AVANÇO

CFO DE DONALD TRUMP ADMITE FRAUDE FISCAL

A semana terminou ruim para o ex-presidente Donald Trump. Allen Weisselberg, o mais antigo diretor financeiro da empresa do ex-presidente, se declarou culpado na quinta-feira, 18, e admitiu ter cometido mais de uma dúzia de crimes, incluindo fraude fiscal criminal e furto.

Weisselberg e a Trump Organization foram indiciados no ano passado por autoridades de Nova York sob a acusação grave de ocultar compensações financeiras como parte do que chamaram de esquema de anos para evitar o pagamento de impostos. O caso faz parte do turbilhão legal que envolve Trump e seus aliados. Autoridades locais, estaduais e federais examinam tudo envolvendo o ex-presidente – dos negócios até o manuseio de documentos secretos.

Diante do tribunal de Manhattan, Weisselberg, reconheceu sua culpa e concordou em testemunhar, se chamado, em um julgamento contra a empresa. Como parte do acordo, Weisselberg, associado próximo e confiável de Trump por décadas, passaria cinco meses na prisão, seguidos por cinco anos de liberdade condicional.

Weisselberg falou com moderação durante a audiência, respondendo “sim” para afirmar suas atividades e culpa em todos os aspectos. Seu testemunho pode ser prejudicial para a empresa do ex-presidente, acusada por promotores de “um esquema de pagamentos ilegais abrangente e audacioso”. •

Iconographia



24 de agosto de 1954

GETÚLIO SE MATA COM UM TIRO NO CORAÇÃO

De manhã cedo, o presidente Getúlio Vargas, de pijamas, sai do seu quarto no palácio do Catete, vai até o gabinete de trabalho e volta com um envelope. Pouco tempo depois, ouve-se um tiro. O filho, Lutero, corre para os aposentos do pai, seguido pela irmã, Alzira, e pela mãe, Darci. Encontram Getúlio caído na cama, com um revólver Colt calibre 32 perto da mão direita. Na altura do coração, um buraco da bala e uma mancha de sangue. Encostado no abajur, sobre o criado-mudo, estava o envelope contendo a carta que, datilografada na véspera por um amigo, explica o gesto – não é um lamento, mas um manifesto político.

A carta-testamento não deixava dúvida sobre como o suicídio deveria ser entendido: era uma reação a uma campanha subterrânea dos grupos internacionais,

aliados aos grupos nacionais, para bloquear a legislação trabalhista e o projeto desenvolvimentista. “Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida”, dizia a carta, que concluía: “Serenamente dou o meu primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar para a história.”

Naquele momento, o maior adversário de Getúlio, Carlos Lacerda (UDN), ferido no pé dias antes no atentado da rua Tonelero, comemorava com champanha o golpe que parecia vitorioso.

Horas antes, uma reunião de oficiais de alta patente recusara a proposta de Getúlio de licenciarse da Presidência enquanto se desenrolasse o Inquérito Policial Militar (IPM) sobre o atentado. Brigadeiros, almirantes e generais

foram taxativos: só aceitariam a renúncia.

Certo de que vencera o último round na luta contra Getúlio, Lacerda vociferou numa emissora de rádio: “Aqui estou, no dia da redenção nacional [...] para declarar que esse covarde, esse pusilânime, não está licenciado, está é deposto, o lugar dele é no Galeão [palco do IPM] ou no estrangeiro, e deve apodrecer na cadeia!”

Getúlio estava encurralado. Às duas horas da manhã, numa reunião ministerial, ouvira dos ministros militares que os oficiais das três armas haviam se unido em torno do manifesto dos brigadeiros que pedia sua renúncia. Às seis horas, dois oficiais da Aeronáutica foram ao Catete convocar Benjamim, irmão de Getúlio, para depor no Galeão.

Pouco antes do suicídio, o presidente recebera a notícia de que

o comando das Forças Armadas havia se somado ao movimento pela sua renúncia imediata.

Getúlio cumpriu então o que havia prometido ao país dias antes. Eleito pelo povo, só saiu morto do palácio do Catete. Por volta das oito horas da manhã, suicidou-se com um tiro no peito.

A notícia, veiculada pouco depois pelas rádios, chocou o país. A população, revoltada, saiu às ruas para expressar sua indignação e homenagear o presidente morto.

No Rio de Janeiro, capital da República, uma multidão amargurada, revoltada e colérica passou a percorrer as ruas, armada com paus, pedras e fúria. Arrancou dos postes propaganda da oposição, quebrou as vidraças da Standart Oil, apedrejou a fachada da embaixada dos Estados Unidos e os prédios onde funcionavam os jornais "O Globo" e "Tribuna da Imprensa". Para arrematar, incendiou os caminhões que distribuía esses jornais. Só a "Última Hora", que era favorável ao governo Vargas, pôde circular naquele dia.

Horas depois, em frente ao palácio do Catete, 1 milhão de pessoas tentava ver o corpo do presidente. Muitos choravam compulsivamente, outros desmaiavam, e havia aqueles que, ao entrar na sala onde acontecia o velório, se agarravam ao caixão.

Às 8h30 do dia 25, a multidão acompanhou o corpo de Getúlio até o Aeroporto Santos Dumont, em um gigantesco cortejo que se desenrolava pela praia do Flamengo, do Russel até a avenida Beira-Mar.

Quando o avião da Cruzeiro do Sul desapareceu no céu rumo a São Borja, aconteceu o inevitável: as pessoas perceberam que



estavam em frente ao quartel da 3ª Zona Aérea. O que era dor virou cólera, e a multidão avançou contra a guarnição da força militar que era escancaradamente oposição ao governo Vargas. Os soldados da Aeronáutica, aterrorizados, dispararam contra a população civil desarmada durante 15 minutos. No tumulto, mulheres e crianças foram pisoteadas, uma pessoa morreu e muita gente saiu ferida.

A comoção nacional transfor-

mou inteiramente a situação política. Os golpistas tiveram de recuar às pressas. As tropas voltaram aos quartéis, e os líderes da oposição, inclusive Lacerda, preferiram se esconder da fúria popular.

Getúlio, o "pai dos pobres", havia partido. O povo estava de luto, mas vigilante. Nas ruas, deixava claro que não aceitaria ver os inimigos do presidente, que o haviam levado à morte, dando novamente as cartas no Brasil.



23 de agosto de 1963

MARTIN LUTHER KING: “EU TENHO UM SONHO”

“Eu tenho um sonho”, discursou o ativista negro Martin Luther King a uma multidão de compatriotas num gigantesco comício diante do simbólico monumento ao presidente abolicionista Abraham Lincoln em 23 de agosto de 1963, em Washington “Eu tenho um sonho de que um dia, no Alabama, meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãos e irmãs”, disse.

O pronunciamento do pastor sensibilizou os Estados Unidos e o mundo para a questão racial norte-americana, impulsionando o movimento pelos direitos civis num país ainda manchado por leis estaduais segregacionistas.

De todos os estados, o Alabama era o mais segregacionista. O próprio presidente John Kennedy chegou a se declarar “enojado” com imagens que mostravam cães da polícia atacando

crianças negras. Já Luther King havia sido preso em uma visita a Birmingham, ficando oito dias incommunicável, sendo solto apenas após a intervenção de Kennedy e seu envolvimento com a causa dos direitos civis.

Apesar desse sistema que tratava os negros como cidadãos de segunda classe e das violências enfrentadas cotidianamente, Luther King não aprovava uma reação nos mesmos moldes, mas defendia estratégias de não-violência, com o intuito de atrair a opinião pública.

A luta por leis nacionais que garantissem o fim das leis segregacionistas estaduais ganharia o apoio do presidente democrata, que proporia uma lei de direitos civis. Kennedy seria assassinado logo depois, antes de vê-la aprovada, em 1964.

Luther King, que mais tarde receberia o Prêmio Nobel da Paz, também foi morto a tiros, em 1968, por extremistas.

Outras datas históricas

23/08/1900: Nasce em São Paulo José Correia Leite, personalidade histórica do Movimento Negro brasileiro.

19/08/1945: Começa a guerra na Indochina. Viet Minh ocupa Hanói e proclama República. De Gaulle acena com divisão.

20/08/1949: Criada a Escola Superior de Guerra, associada à National War College, dos Estados Unidos.

23/08/1950: Nasce Eurides Mescolotto, fundador do PT e ex-integrante o Diretório Nacional do PT. Ele foi o primeiro candidato ao governo de Santa Catarina do PT, em 1982.

22/08/1988: Criação da Fundação Cultural Palmares, entidade ligada ao Ministério da Cultura.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br ou memorialdademocracia.com.br



19 de agosto de 2003

ATENTADO MATA O DIPLOMATA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

Um atentado terrorista em 19 de agosto de 2003 arrasou a sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Bagdá, deixando 22 mortos. Entre as vítimas estava o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, alto-comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos e, naquele momento, representante especial no Iraque do secretário-geral da ONU, Kofi Annan.

Vieira de Mello tornou-se funcionário das Nações Unidas em 1969, atuando, na maior parte do tempo, no Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Em 2002, assumiu o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

Por sua postura humanista e profissional e pela defesa da democracia, Sérgio Vieira de Mello era tido como referência mundial no tema dos direitos humanos. Foi ele o primeiro brasileiro a ocupar o mais alto escalão da ONU.

21 de agosto de 1981

TRABALHADORES REALIZAM A 1ª CONCLAT

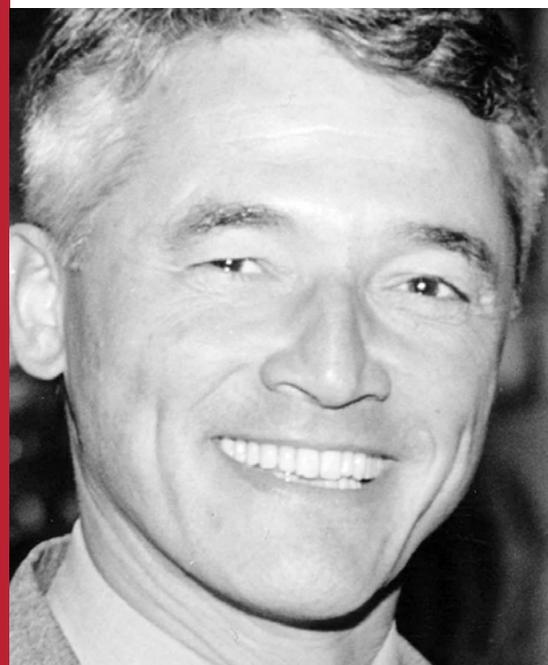
Entre 21 e 23 de agosto de 1981, num desafio à ditadura e à legislação sindical autoritária, delegados de 1.091 sindicatos urbanos e do campo realizaram em Praia Grande, litoral do estado de São Paulo, a 1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat).

A Conclat foi a primeira reunião ampla de categorias diversas desde o Golpe de 1964, que desarticulou a organização dos trabalhadores. A conferência se realizou num momento de ascensão do movimento sindical e de avanço da luta pela redemocratização do país.

Mais de 5 mil delegados, na maioria eleitos diretamente pelas bases, participaram do encon-

tro. A luta pela redemocratização do país, por melhores salários e contra a repressão aos trabalhadores eram os pontos de unidade na Conclat. Havia, no entanto, uma profunda divisão a respeito da criação da Central Única dos Trabalhadores, organização sindical nacional e independente defendida pelo PT e pelas oposições sindicais.

Os três dias de reunião da Conclat foram marcados por essa disputa e pela difícil negociação de uma chapa única para a Comissão Nacional Pró-CUT. A comissão eleita ao final do encontro recebeu o prazo de um ano para organizar a nova entidade, mas a fundação da central só iria ocorrer em 1983.





40 ANOS DE MEMÓRIAS, LUTAS E MUITAS CONQUISTAS

Livro da arquiteta Clara Ant combina memória pessoal e política do Brasil das causas populares, relatando o que ela viu de perto ao acompanhar Lula durante as quatro últimas décadas da história

Bia Abramo

As 6 horas da manhã do dia 4 de março de 2016, a Polícia Federal apresentou, simultaneamente, mandados de busca e apreensão para Lula, seus filhos,

diretores do Instituto Lula e dezenas de outras pessoas. Na sede do instituto, os policiais chegaram com armas pesadas e uniformes camuflados. Passaram horas a fio remexendo em tudo e levaram os equipamentos que continham dados. Em meu apartamento entraram seis agentes, quatro da Polícia Federal e dois da Receita

Federal. Ficaram duas horas e vinte minutos. Mexeram em tudo. Levaram telefones e outros equipamentos, que só foram devolvidos dezesseis meses mais tarde. Ou seja, todos tivemos que comprar equipamentos novos para poder trabalhar”.

A descrição precisa até o detalhe com a qual Clara Ant conta os

episódios de busca e apreensão promovido pela Operação Lava Jato pode até surpreender o provável leitor do livro “Quatro Décadas com Lula – O Poder de Andar Junto” pelo tom desapaixonado que ela imprime ao relato de um dos momentos mais traumáticos daquele ano do golpe.

No entanto, o leitor vai se deparar com outros momentos de emoção intensa – e não apenas das tristezas, mas também das alegrias, dos afetos e, por que não, das risadas que ecoaram nessa grande, enorme trajetória de 40 anos de amizade política, de camaradagem sindical e de parceria no trabalho dos dois sindicalistas.

Em um texto que combina memória da formação familiar e intelectual da autora com a memória desse pedaço da história do Brasil, da redemocratização às vésperas da sexta candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, Clara relata sua própria história e, simultaneamente, delinea um perfil do operário duas vezes presidente ao qual poucos tiveram acesso. Como assessora especial da Presidência, ela não apenas testemunhou como também participou intensamente de momentos de trabalho de Lula, das várias equipes que compuseram os dois mandatos, 2003-2006 e 2007-2010, dos encontros com os movimentos sociais, das viagens internacionais e muito mais.

Nesse sentido, é como se das memórias pessoais e políticas, o livro de Clara também estivesse buscando sistematizar também um método de trabalho para atender aquilo que Lula havia lhe pedido. “O trabalho que eu propunha realizar era como o que os continuístas desempe-

nham no teatro ou no cinema: garantir a continuidade das cenas, evitar trucagens e propiciar um conjunto harmônico. (...) Eu mal havia terminado de falar quando Lula chamou seu futuro chefe de gabinete: ‘Gilberto, Clara vai fazer uma coisa bem legal para acompanhar minhas decisões. Veja do que ela precisa e lhe dê um lugar para trabalhar’. Fui parar numa sala muito próxima à dele”, detalha.



Essa enorme cumplicidade que se plasma entre Lula e Clara teve um antes e um depois, evidentemente, ainda que os dois tenham origens quase antípodas. Clara é filha de judeus poloneses, que se refugiaram na Bolívia ainda durante a Segunda Guerra Mundial. Nascida em La Paz, só veio dar no Brasil aos 10 anos de idade, precisamente em São Paulo e no bairro do Bom Retiro. Estudou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP justamente quando os estudantes estavam nas ruas, na resistência ao Golpe de 1964.

Começou a militância ainda na FAU, quando se aproximou de um grupo trotskista que, nos anos 1970, seria mais conhecido como a tendência Liberdade & Luta – a famosa Libelu.

Uma vez formada, e como professora de urbanismo, envolveu-se nas movimentações sindicais dos anos 1980, foi fundadora da CUT e entrou na política institucional no Partido dos Trabalhadores, pelo qual foi deputada estadual e federal, chegando à Assembleia Constituinte.

Essas linhas gerais biográficas são, no livro-testemunho de Clara, enriquecidas de anedotas, de discussões sobre a conjuntura, de pequenos retratos dos amigos e companheiros, mas sobretudo de sua leitura muito sensível – e sensata – das lutas, das conquistas e inclusive das derrotas que uma mulher tão singular enfrenta no campo político. Em sua escrita singular, Clara não tem meias-palavras nos momentos de fazer críticas ou avaliar passos mal dados, mas também mostra uma capacidade de produzir passagens de ternura e de beleza.

“Quatro décadas com Lula” se inscreve no rol daqueles livros necessários para dar o testemunho desse tempo vivido para quem viveu junto – ou andou junto, como diz a autora. Mas também para quem, no futuro, quiser conhecer a maneira que a geração dela, Lula, José Dirceu, pegos num mesmo contrapé da história, tentou entender o Brasil estando ao lado de sua gente e elegendo as causas do povo para, enfim, mudar um tanto o destino do país. E a melhor parte é saber que essa turma ainda está por aqui, atuando e pensando com as novas e novíssimas gerações. •

DEZ ANOS SEM NIEMEYER

Em 2012, o genial brasileiro que revolucionou a arquitetura do século 20 se despedia do mundo. Seu legado continua, assim como seus sonhos de um país mais justo e de uma sociedade menos desigual

Alberto Cantalice

Arquiteto e militante comunista brasileiro, Oscar Niemeyer Soares Filho deixava fisicamente o planeta há dez anos. Símbolo de ousadia e modernidade, deixou um legado de realizações que são vistas e admiradas nos quatro cantos do mundo. Da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, indo aos grandes prédios imponentes de Brasília, passando pelo Sambódromo e os Cieps, no Rio de Janeiro, até o magnífico edifício Copan e o Memorial da América Latina, na Paulicéia de Mario de Andrade. Um achado de genialidade.

O arquiteto que imaginou um novo Brasil ganhou o mundo na década de 1940 ao ter o seu projeto de sede das Nações Unidas, em Nova York, em parceria com o arquiteto Le Corbusier, vencedor de concurso de disputa mundial. Daí para as construções na França, na Itália, na Argélia e em outras partes do mundo foi um passo. Uma história de imaginação e curvas.

Militante político, Niemeyer cedeu gratuitamente um prédio de sua propriedade no bairro da Lapa no Rio de Janeiro para ser a sede do antigo PCB na legalidade, que durou de 1945 a 1947.

Figura de posições firmes e resolutas, vivia inconformado com as construções comerciais. Ele acreditava que a arquitetura, também como arte, deveria causar surpresas ao primeiro



olhar. Seu nome virou sinônimo de vãos livres, de colunas cuja permanência espantava a todos pela genialidade.

Com o Golpe de 1964, Niemeyer partiu para o exílio em Paris. No exterior, foi uma das principais vozes de denúncias do caráter criminoso da ditadura e as prisões, assassinatos e torturas. Convidado de honra em universidades e centros de pesquisas, aproveitava sua presença para a confrontação com o regime, transformando-se em um dos grandes adversários dos militares.

Um dos últimos atos políticos que contou com a sua participação foi a campanha de eleição de Dilma Rousseff, em 2010. Naquela oportunidade, resgatou o caráter popular do então governo de Lula e a necessidade de eleição de Dilma, não só pelo

fato de ser a primeira mulher em condições de presidir a República, mas pelo caráter combatente de sua ação política militante, fato que a levou a ser presa e torturada pela ditadura militar.

Ao longo da carreira venceu os principais prêmios da arquitetura mundial: Prêmio Leão de Ouro, da Bienal de Veneza, em 1949; o Prêmio Pritzker, em 1988; o Príncipe das Astúrias, e a Medalha da Ordem do Mérito Cultural em 2007, das mãos do então presidente Lula.

Coroando uma vida de derrotas políticas e êxitos profissionais Oscar, aos 103 anos projetou um pavilhão no vinhedo Château La Coste, em Aix-em-Provence, na França e teve uma praça com seu nome no bairro de Kremlin Bicêtre, em Paris. •

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
Documentação e
Memória Política
Instituído em 2001



A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •
Fernando Haddad • Frei Betto
• Izabella Teixeira • João Manuel
Cardoso de Mello • Luis Nassif
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •
Marilena Chaui • Paulo Betti
• Rogério Cerqueira Leite •
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contra-o-fascismo/



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores